

*Campus Nilópolis*

Programa de Pós-graduação  
Lato Sensu

Marcia da Silva Bernardo

**HAVER  
EXISTENCIAL:  
uma contradição  
nas gramáticas  
tradicionais da  
língua materna**

Nilópolis - RJ

2021

Marcia da Silva Bernardo

**HAVER EXISTENCIAL:**

uma contradição nas gramáticas tradicionais da língua materna

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como parte dos requisitos necessários para a obtenção de título de Especialista no curso de Pós-graduação *Lato Sensu* em Estudos Linguísticos e Literários do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ).

Orientador: Professor Dr. Cassiano Luiz do Carmo Santos.

Nilópolis – RJ

2021

CIP - Catalogação na Publicação

B519h Bernardo, Marcia da Silva

Haver Existencial: uma contradição nas gramáticas tradicionais da língua materna / Marcia da Silva Bernardo - Nilópolis, 2021.  
36 f. ; 30 cm.

Orientação: Cassiano Luiz do Carmo Santos.

Trabalho de Conclusão de Curso (especialização), Especialização em Estudos Linguísticos e Literários, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro, Campus Nilópolis, 2021.

1. Língua. 2. Verbo Impessoal. 3. Linguística Sistêmico-Funcional. 4. Concordância. 5. Gramática . I. Santos, Cassiano Luiz do Carmo , **orient.** II. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro. III. Título

Elaborado pelo Módulo Ficha Catalográfica do Sistema Intranet do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro  
- Campus Volta Redonda e Modificado pelo Campus Nilópolis/LAC, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).  
Bibliotecária: Heloisa S. Lima CRB-7/6089

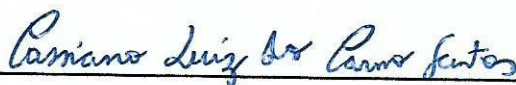
Marcia da Silva Bernardo

**HAVER EXISTENCIAL:**

uma contradição nas gramáticas tradicionais da língua materna

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como parte dos requisitos necessários para a obtenção de título de Especialista no curso de Pós-graduação *Lato Sensu* em Estudos Linguísticos e Literários do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ).

Data da aprovação: 06 de setembro de 2021.



Professor Dr. Cassiano Luiz do Carmo Santos (Orientador)

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro – IFRJ



Professora Me. Viviane Soares Fialho de Araujo

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro – IFRJ



Professor Dr. Ivo da Costa do Rosário

Universidade Federal Fluminense - UFF

Nilópolis – RJ

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente agradeço a Deus, pela minha vida, e por me permitir ultrapassar todos os obstáculos encontrados ao longo da realização deste trabalho. Agradeço a Jesus por ter enviados seus anjos de luz que acalmaram meu coração nos momentos de aflição.

Agradeço às minhas filhas Tamyres, pelo incentivo desde o início dos meus estudos, tanto na graduação quanto na pós-graduação, e a Maria Eduarda, que compreendeu em todo o tempo o significado que esse trabalho significa pra mim.

Aos amigos, em especial, à Vanessa – minha alma gêmea das letras –, que sempre esteve ao meu lado, pela amizade incondicional e pelo apoio demonstrado ao longo de todo o período de tempo em que me dediquei a este trabalho e em todo o período de graduação e pós-graduação. Agradeço, ainda, à colega de graduação e pós-graduação Daniele Campos por ter participado da minha vida acadêmica, trazendo vários ensinamentos na área de Linguística.

Aos professores, pelas correções e ensinamentos que me permitiram apresentar um melhor desempenho no meu processo de formação profissional ao longo do curso. Em especial ao meu orientador, Cassiano Luiz, por ter tido paciência e por ter se dedicado ao meu aprendizado em Linguística. Obrigada pelo carinho, atenção, disponibilidade e também por ter sido tão profissional na minha trajetória de desenvolvimento deste trabalho.

Obrigada aos professores do curso de Pós-graduação do IFRJ, em especial aos professores Viviane Fialho e Dayenne Miranda, que sempre entenderam as dificuldades dos alunos, trazendo uma palavra de conforto e alívio nos momentos difíceis.

Agradeço também ao professor Ivo Rosário (um dos avaliadores do meu trabalho) por sua disponibilidade e por ter me feito uma professora melhor compartilhando suas experiências em sala de aula.

Agradeço também a Renata Transcoveski, diretora da escola em que leciono, por todo apoio e incentivo a minha especialização e por acreditar no meu profissionalismo.

BERNARDO, Marcia da Silva. *Haver existencial: uma contradição nas gramáticas tradicionais da língua materna* – 36 p. Trabalho de Conclusão de Curso. Programa de Pós-graduação *Lato Sensu* em Estudos Linguísticos e Literários. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ), *campus* Nilópolis. Nilópolis, RJ, 2021.

## RESUMO

Este trabalho tem o propósito de analisar o verbo *haver*, em seu sentido existencial, e como se realiza sua concordância no plural. Esse questionamento despertou meu interesse pela observação de que inúmeros falantes da língua materna, mesmo aqueles que são considerados escolarizados, utilizam a flexão de número no plural, sendo o *haver* considerado impessoal pela gramática normativa. Notei que essa pluralização significa que o falante inconscientemente tem a sensação da existência de um sujeito onde, tradicionalmente, não há. Para investigar os motivos que levam esse falante a agir dessa forma, utilizei os conceitos do Sociofuncionalismo e da Linguística Sistêmico-Funcional, baseada nas concepções de Halliday (HALLIDAY, 1994 *apud* CARMO SANTOS, 2008), por caracterizarem a teoria numa perspectiva social, rompendo com os paradigmas do formalismo linguístico. Essas perspectivas de estudo da linguagem, como uma atividade social, vão auxiliar a discussão acerca do ensino da concordância do verbo *haver*, denominados pela GT como impessoal, e como ocorrem essas concordâncias pelos falantes da língua em situações de usos reais. A análise partiu de um exame da língua, ancorada na abordagem de Callou (2019), acerca do verbo *haver*, apresentando situações comunicativas em ambiente informal – o gênero FACEBOOK – e como se dá esse uso.

**Palavras-chave:** Língua. Gramática. Linguística Sistêmico-Funcional. Concordância. Verbo Impessoal.

BERNARDO, Marcia da Silva. *Haver existencial: uma contradição nas gramáticas tradicionais da língua materna* – 36 p. Trabalho de Conclusão de Curso. Programa de Pós-graduação *Lato Sensu* em Estudos Linguísticos e Literários. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ), *campus* Nilópolis. Nilópolis, RJ, 2021.

## ABSTRACT

The purpose of this work is to analyze the verb *haver*, in its existential meaning, and also to observe how the agreement is made with this verb in the plural form. This interrogation triggered my interest in the sense that several speakers of the mother tongue, even those considered educated, make use of the plural inflection. However, *haver* is considered an impersonal verb by standard grammar. I noticed that pluralization means that the speaker unconsciously attributes the existence of a subject where, traditionally, there cannot be one. In order to investigate the reasons that lead such a speaker to act this way, I made use of the concepts from Sociofunctionalism and from Systemic-functional Grammar, based on Halliday's concepts (HALLIDAY, 1994 *apud* CARMO SANTOS, 2008). The reason for this choice is that the authors characterize their theory on a social perspective, breaking with the paradigms of linguistic formalism. Such perspectives of the study of the language, as a social activity, will help the discussion about teaching of the agreement of the verb *haver*, considered impersonal by traditional grammar. These perspectives will also help us to know how the agreement is made by the speakers of the language in real use. The analysis started from an examination of the language, anchored in Callou (2019), about the verb *haver*. I will present communicative situations in an informal environment – FACEBOOK genre – where such use takes place.

**Keywords:** Language. Grammar. Systemic-functional Linguistics. Agreement. Impersonal Verb.

## LISTA DE GRÁFICOS

|                                                               |    |
|---------------------------------------------------------------|----|
| Gráfico 1 – Definições de sujeito nas Gramáticas Tradicionais | 21 |
| Gráfico 2 – Natureza do SN                                    | 27 |
| Gráfico 3 – Tipologia textual                                 | 28 |
| Gráfico 4 – Semântica do verbo 'Haver'                        | 30 |
| Gráfico 5 – Faixa etária                                      | 31 |
| Gráfico 6 – Tempo verbal                                      | 33 |

## SUMÁRIO

|                                                                                   |            |
|-----------------------------------------------------------------------------------|------------|
| <b>1 INTRODUÇÃO</b>                                                               | <b>10</b>  |
| <b>2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b>                                                    | <b>12</b>  |
| 2.1 SOCIOFUNCIONALISMO                                                            | 12         |
| <b>2.1.1 A evolução do Funcionalismo</b>                                          | <b>13</b>  |
| 2.2 A PERSPECTIVA SISTÊMICO-FUNCIONAL DE HALLIDAY E OS PROCESSOS EXISTENCIAIS     | 175        |
| <b>2.2.1 A perspectiva sistêmico-funcional de Halliday e os processos verbais</b> | <b>175</b> |
| <b>2.2.2 Os processos existenciais de Halliday</b>                                | <b>208</b> |
| 2.3 OS VERBOS EXISTENCIAIS NAS GRAMÁTICAS TRADICIONAIS DE LÍNGUA MATERNA          | 208        |
| 2.4 OS VERBOS TER E HAVER, SEGUNDO CALLOU (2019)                                  | 220        |
| <b>2.4.1 A mudança semântica do haver</b>                                         | <b>220</b> |
| <b>2.4.2 O haver no presente</b>                                                  | <b>231</b> |
| <b>3 METODOLOGIA</b>                                                              | <b>253</b> |
| <b>4 ANÁLISE DOS DADOS</b>                                                        | <b>264</b> |
| 4.1 A NATUREZA SEMÂNTICA DO SINTÁGMA NOMINAL (SN)                                 | 26         |
| 4.2 TIPO TEXTUAL DO CONTEXTO                                                      | 28         |
| 4.3 SEMÂNTICA DO VERBO HAVER                                                      | 297        |
| 4.4 FAIXA ETÁRIA                                                                  | 308        |
| 4.5 TEMPO VERBAL                                                                  | 32         |
| <b>5 CONCLUSÃO</b>                                                                | <b>342</b> |
| <b>REFERÊNCIAS</b>                                                                | <b>364</b> |

## 1 INTRODUÇÃO

Neste trabalho visou verificar o comportamento do verbo *haver* com sentido existencial, a partir de *corpora* reais de uso da língua, bem como verificar como este verbo é tratado nas gramáticas tradicionais de língua materna. A hipótese norteadora deste trabalho é a de que o complemento destes verbos, ou nos termos de Halliday (HALLIDAY, 1994 *apud* CARMO SANTOS, 2008), o **existente**, quando presente no sintagma verbal, é interpretado pelos falantes de língua materna, em muitos casos, como sendo o sujeito, constituindo um caso de variação linguística. Ou seja, há falantes que realizam a concordância com o complemento de um verbo existencial e os que não realizam<sup>1</sup>. Neste trabalho examinarei a concordância feita no plural.

Vale lembrar que as Gramáticas Tradicionais (GTs) – usadas nas instituições de ensino – não consideram essa variação, prescrevendo que o verbo **haver**, rotulado de verbo impessoal<sup>2</sup>, deva permanecer sempre no singular.

Apesar de ser amplamente aceito que há em uma língua variações linguísticas, as gramáticas mais tradicionais de língua materna insistem em ignorar tal fato, a exemplo do que as instituições de ensino preconizam.

Assim, defendo a importância de se incorporar as variações linguísticas no ensino do PB e conscientizar o falante de que ele não faz a concordância com determinados verbos, o que pode levá-lo, quando houver necessidade de uso da norma, ao seu emprego de forma mais apropriada. A análise será realizada a partir de dados de uma rede social – FACEBOOK – a fim de observar os parâmetros que podem levar um falante a realizar a concordância no plural com este verbo (quando seu uso é impessoal). Vale lembrar que o facebook é um ambiente mais informal. Além disso, pretendo fazer um quadro comparativo das principais gramáticas normativas para traçar um paralelo do uso desses verbos no PB e o que elas prescrevem. Minha pesquisa será baseada no arcabouço teórico de abordagens de cunho funcional, como o Sociofuncionalismo e a linguística sistêmico-funcional de Halliday (1999), em particular.

Os verbos impessoais, nas gramáticas normativas atuais, são considerados como verbos constituintes de sentenças que não possuem sujeito, porém as mesmas gramáticas categorizam o sujeito como um termo essencial da oração. Essa categorização se torna incoerente, partindo do pressuposto de que há diferenças linguísticas entre as normas

---

<sup>1</sup> Entre a concordância com o verbo no plural, como por exemplo em “Haviam carros” e com a concordância no singular, como no mesmo exemplo “Havia carros”.

<sup>2</sup> Mateus et alii dividem os verbos monoargumentais, isto é, aqueles que projetam apenas um argumento, em verbos intransitivos e inacusativos. O verbo *haver* estaria incluído nesta última subdivisão, por ter seu argumento projetado interpretado como um argumento interno daquele.

estabelecidas por elas e os reais usos da língua. Perante a impossibilidade de analisar todos os verbos impessoais da língua, focalizarei neste trabalho o verbo **haver**, com sentido de existir, a fim de verificar como ele é ensinado na escola e como os falantes de língua materna realizam sua concordância no plural.

Este trabalho está dividido em quatro partes. Na primeira, apresento a fundamentação teórica que norteia esta pesquisa. Descrevo uma pequena visão sobre o Sociofuncionalismo, bem como a perspectiva sistêmico-funcional de Halliday e os processos existenciais. Analiso também o local dos processos existenciais nas Gramáticas Tradicionais de língua materna, assim como o ponto de vista de Callou (2019) sobre o verbo *haver*. Na segunda parte, explico como foi realizada a metodologia para a investigação do uso dos verbos impessoais no meu *corpus*. Na terceira parte, apresentarei os dados coletados para tal investigação e uma análise quantitativa das amostras. Por fim, na última parte, apresento uma conclusão acerca de todo estudo realizado.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### 2.1 SOCIOFUNCIONALISMO

A abordagem sociofuncionalista analisa as construções gramaticais a partir da situação comunicativa, levando em conta os participantes (falantes), os objetivos da comunicação e o contexto. Ela busca entender os motivos pelos quais os falantes fazem determinadas escolhas linguísticas ao invés de outras, pensando-se a língua como um produto de fatores extralinguísticos como, por exemplo, a situação socioeconômica, a escolarização ou a região em que o falante mora.

O Sociofuncionalismo surgiu no Brasil, na década de 1980, a partir de estudos na UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro). Esses estudos tiveram como ponto de partida a teoria funcionalista do linguista Talmy Givón, entre outros.

É a partir de estudos funcionalistas – pensamentos que ligam a gramática ao discurso – que o Sociofuncionalismo surge. Nesse contexto, a percepção sociofuncionalista compreende a língua como algo linguístico e social, sem desprezar a união do léxico e a gramática, do sincrônico e o diacrônico entre outras visões.

Para os funcionalistas a língua é um instrumento de comunicação que como tal não pode ser analisada como um objeto autônomo, mas como uma estrutura maleável, sujeita a pressões oriundas das diferentes situações comunicativas, que ajudam a determinar sua estrutura gramatical. Dessa forma, os estudos tentam compreender a mudança linguística e como ela ocorre. Neste sentido, teve importância nos estudos sociofuncionalistas a teoria da gramaticalização, segundo a qual alguns elementos perdem conteúdo gramatical ou os elementos já gramaticais se tornam mais gramaticais ainda.

A teoria da gramaticalização focaliza os aspectos semântico-pragmáticos da mudança. É um processo responsável pela migração de formas linguísticas para a gramática. A hipótese é que essa teoria seja a “chave” de explicação para a mudança morfossintática no sentido de que essa variação possibilita o desempenho de várias funções de uma mesma forma linguística.

O sociofuncionalismo então estuda a língua em seu uso, a partir de situações reais de comunicações em que os falantes interagem focalizando relações de diferentes graus entre funções e formas. Dentre esses usos, verificam-se as escolhas que o falante faz, por exemplo, na ordenação gramatical ao se estruturar uma frase – o uso da ordem sv ou vs no PB. Dessa

forma, analisa-se porque o falante usa “Eu tenho uma filha linda que se chama Gabriela”<sup>3</sup> ao invés de “Uma filha linda que se chama Gabriela eu tenho”.

Maria Maura Cezário *et al.* (2016, p. 51) nos explicam como se dão esses estudos:

Para estudar tais fenômenos, os sociofuncionalistas tomam como parâmetros diversos fatores estruturais, sociais e funcionais. Por exemplo, para estudar as formas de competição sujeito-verbo (sv) e verbo-sujeito (vs), é possível verificar se o fator estrutural “tamanho do sujeito” influencia no seu posicionamento antes ou depois do verbo; é possível verificar, em termos de fator social, se há mais diferença de concordância verbal nos dados da ordem vs dos falantes com alto grau de escolaridade em comparação com falantes com baixo grau de escolaridade; e, por fim, é possível, em termos funcionais, verificar se os sujeitos que veiculam informação tendem ou não a aparecer na posição após verbo, posição típica de sintagmas com alto grau de novidade.

### 2.1.1 A evolução do Funcionalismo

A linguagem é um fenômeno bastante complexo e seu estudo tem gerado – até os dias atuais – discussões acirradas entre várias perspectivas teóricas que tentam descrever e explicar suas características e seu funcionamento. Existem diferentes concepções que “abraçam” múltiplos pontos de vistas, e, por vezes, incompatíveis. Essas diversidades decorrem das escolhas de interesses dos pesquisadores e têm como resultado a organização de objetivos de estudo bastante discordantes, mas é importante lembrar que o “foco” é sempre o mesmo: a linguagem.

A partir da segunda metade do século XX, surgiu uma vertente dos estudos linguísticos chamada Pragmática. Em linhas gerais, podemos dizer que ela se preocupou com a língua em uso. Sabemos que cada indivíduo faz uso da língua como bem entende, porém na prática, mesmo sem ter consciência disso, segue algumas normas sociais que modelam as interações linguísticas. Não falamos da mesma forma com nosso chefe de trabalho e com uma pessoa da nossa família, ou com uma criança como falamos com um adulto. O mesmo acontece com nosso receptor, que a depender da situação comunicativa e da sua intenção, utiliza determinadas estruturas para a construção dos enunciados.

O chamado Círculo Linguístico de Praga surge como uma dialética à formulação saussuriana que sem negar os princípios de estrutura e sistema de Saussure, passou a análise de línguas particulares e fez surgir teses, influenciadas pelo filósofo Husserl e pelo psicólogo alemão Karl Bühler, que culminaram com um novo paradigma de investigação. Nesse sentido, o funcionalismo linguístico passa a observar os conceitos de concepção da língua como sistema funcional: funções das unidades linguísticas, na fonologia; o papel dos

---

<sup>3</sup> Retirado em 18/04/2021 do Facebook.

fonemas na distinção e demarcação das palavras; e, na sintaxe, a estrutura da sentença no contexto.

A contribuição de Karl Bühler foi muito importante para os estudos da língua no que tange ao funcionalismo. Para o pesquisador, a dicotomia *langue* e *parole*, de Saussure, não abarcava o mais importante para a linguagem: a função. A linguagem é cognitiva e traduz a ordem do pensamento desempenhando o papel de elemento estrutural no processo comunicativo.

Com o surgimento de novos aportes de vários pesquisadores, o foco na estrutura abstrata da língua começa a perder seu papel quase hegemônico na linguística, ao mesmo tempo em que outros fenômenos relacionados à linguagem começam a ganhar um espaço de destaque em seus estudos. Nesse contexto, a linguagem passa a ser analisada em 3 fases: sistema (elementos linguísticos estruturados e uniformes), estrutura (polo formalista) e função (polo funcionalista – semântico).

A partir dessas novas abordagens estruturais da língua, seja como entidade autônoma ou não autônoma que surgiram as duas grandes tendências teóricas: formalismo e funcionalismo. A abordagem do CLP é caracterizada como um movimento que concilia as funções internas e externas das unidades linguísticas, ou seja, a língua constitui um sistema funcional, no qual os aspectos estrutural e funcional convivem lado a lado (NEVES, 1997, p.17).

O pressuposto do princípio de autonomia, que caracterizava o pensamento estruturalista, começa a ser questionado. Alguns linguistas começam a ser preocupar com o uso que os falantes fazem da língua, a partir de causas estruturais, culturais ou até mesmo históricas. Dessa forma, podemos entender que os estudos do CLP se deram a partir dos conceitos de Saussure acerca do objeto língua e sua oposição em relação à fala.

Nesse momento, a motivação e a iconicidade tornam-se foco de estudo, visto que a estrutura reflete, de algum modo, a estrutura da experiência, ou seja, a estrutura do mundo, incluindo a perspectiva imposta ao mundo pelo falante.

A representação linguística reflete a nossa realidade. Segundo a proposta funcionalista, a estrutura gramatical que produzimos é fomentada pela situação comunicativa. Dessa forma, ocorre uma relação natural entre forma e função, isto é, entre código linguístico (expressão) e seu conteúdo (cf. CUNHA *et al.*, 2003).

A correlação entre os dois conceitos pode ser inferida, por exemplo, da identificação que se faz entre iconicidade e não arbitrariedade, como está sugerido em Neves (1997) “A iconicidade é um princípio pelo qual se considera que existe uma relação não arbitrária entre forma e função, ou entre código e mensagem na linguagem humana. Trata-se de uma relação natural entre o código linguístico e o seu designatum” (NEVES, 1997, p. 103).

Como a linguagem é uma faculdade humana, a suposição gerada é que a estrutura linguística revela propriedades da conceitualização humana do mundo ou as propriedades da mente humana. Estudos passam a demonstrar que existem duas ou mais maneiras de dizer a mesma coisa, revelando assim que não existe relação clara entre forma e conteúdo.

Dessa forma, percebemos que a partir desses estudos, o estudo da linguagem passou a olhar o fenômeno linguístico a partir de seu funcionamento, em oposição aos estudos predominantes durante a primeira metade do século XX, que tinham como foco a forma da língua – o chamado Formalismo.

Surgiram várias teorias funcionalistas, com trabalhos desenvolvidos por pesquisadores como, por exemplo, Talmy Givón. Contudo, segundo Moura Neves (1997) destacam-se entre os modelos funcionalistas os conservadores, os moderados e os extremados, no qual, aquele aponta uma impropriedade do formalismo ou estruturalismo, sem uma perspectiva que analise a estrutura; já esse, aponta uma impropriedade e propõe uma análise funcionalista da estrutura; e, este, nega a realidade da estrutura como tal e considera que as regras se baseiam internamente na função, não havendo assim restrições sintáticas. Diante disso, a estudiosa afirma como é complexa a caracterização do funcionalismo, já que o termo “funcionalista” está mais ligado aos autores das concepções do que às características que definem as ideias teóricas em que se inserem.

Para Givón (*apud* NEVES, 1997, p. 28), a visão funcionalista da linguagem é caracterizada por algumas premissas:

- A linguagem é uma atividade sociocultural;
- A estrutura serve a funções cognitivas e comunicativas;
- A estrutura é não-arbitrária, motivada e icônica;
- Mudança e variação estão sempre presentes;
- O sentido é contextualmente dependente e não-atômico;
- As categorias não são discretas;
- A estrutura é maleável e não-rígida;
- As gramáticas são emergentes;
- As regras de gramática permitem algumas exceções.

Apesar desse pensamento, ainda assim, há pontos convergentes que se encontram entre essas diversas propostas que permitem conceber uma certa uniformidade teórica. Toda escola funcional assume o princípio de *não autonomia*, ou seja, a língua não pode ser descrita como um sistema autônomo, já que deve ser compreendida com referência a parâmetros, tais como: cognição e comunicação, processamento mental, interação social e cultura, mudança e variação, aquisição e evolução (GIVÓN, 1995 *apud* MARTELLOTA & KENEDY, 2003).

Basicamente, o funcionalismo pressupõe que a linguagem humana seja vista como um mecanismo de interação social, utilizado para estabelecer comunicação. Nessa perspectiva, o uso da língua daria origem à forma da língua e não o contrário. A partir disso, percebemos a língua como um objeto flexível, aleatório e não determinístico. A estrutura, diante dessa visão, seria uma variante dependente, fruto de frequência da fala.

Uma boa forma de condensar o raciocínio basilar das teorias funcionalistas é lembrar Martinet (1994 *apud* NEVES, 1997, p. 2), que alude, como objeto da verdadeira linguística, a determinação do modo como as pessoas conseguem comunicar-se pela língua. Toda a discussão funcionalista de uma língua natural põe sob análise, portanto, a competência comunicativa. Isso demanda se levar em conta as estruturas das expressões linguísticas como aspectos de funções, sendo cada uma das funções vista como um diferente modo de significação na oração.

Perceba-se aí, a importância do conceito de **função** para o Funcionalismo. Ele se refere ao papel que a linguagem desempenha na vida do homem, atendendo às necessidades de comunicação e interação, nada tendo a ver com as “rotineiras” classificações atribuídas às classes gramaticais dentro das chamadas orações.

As relações de sentido não costumam ser tratadas por estudos linguísticos, que tomam como objeto a estrutura formal da língua. Os sentidos se fundam quando são ditos por alguém e para alguém, produzindo assim uma interação verbal. Nesse viés, a língua não é um mero acervo de formas estáticas. Na língua e pela língua, conversamos com nosso pares, planejamos o futuro, discutimos o passado, enfim, interagimos socialmente.

Nessa perspectiva, segundo Neves (1997, p. 20), “o falante tem de formar uma espécie de intenção comunicativa, uma espécie de plano mental concernente à modificação particular que ele quer provocar na informação pragmática do destinatário”. Sendo assim, o falante precisa fazer escolhas que seu interlocutor compreenda para que possa assim haver uma comunicação.

Simon Dik (1989, *apud* NEVES, 1997, p. 21), sugere a organização do enunciado em camadas, baseando-se na percepção que as expressões linguísticas assumem duas diferentes funções: a representacional (semântica) – responsável pelo reconhecimento que o falante faz da situação descrita -, e a interpessoal (pragmática) – responsável pelo reconhecimento que o interlocutor faz da intenção comunicativa do enunciado. A função representacional é baseada em regras que governam a construção das expressões linguísticas; já a interpessoal, baseia-se nas regras que governam os padrões de interação verbal em que essas expressões linguísticas são usadas. Dessa forma, entendemos que o termo “função”, na visão funcionalista, refere-se ao papel que a linguagem desempenha na vida dos indivíduos, servindo aos mais variados propósitos (HALLIDAY, 1973 *apud* NEVES, 1997, p. 8).

Uma vez apresentada a evolução do funcionalismo, passo a considerar o processo de mecanismo da ação verbal.

Tendo me referido sinteticamente à concepção de funcionalismo em Linguística, passo, na seção seguinte, a considerar os conceitos de Halliday acerca da perspectiva sistêmico-funcional e dos processos verbais.

## 2.2 A PERSPECTIVA SISTÊMICO-FUNCIONAL DE HALLIDAY E OS PROCESSOS EXISTENCIAIS

### 2.2.1 A perspectiva sistêmico-funcional de Halliday e os processos verbais

Os linguistas Michael Halliday *et al.* (2004 *apud* SANTOS, 2014), com bases nos conceitos de Jakobson e também de Bühler, sugere o estudo da linguagem como uma atividade social – parte da sociedade e dos usos da linguagem, uma situação recíproca – propondo uma focalização na integração da atenção nos usuários e nos usos da língua. É o que conhecemos como a teoria linguística chamada de Linguística Sistêmico-Funcional (doravante LSF). Assim, a LSF estabelece a língua em seu contexto social, extrapolando o limite da sentença e avançando para análise de textos.

O funcionalismo tem seu surgimento nas pesquisas antropológicas de Malinowski (1922 *apud* MACEDO, 1998.p. 71-88). Halliday, um dos precursores do funcionalismo britânico, menciona que é preciso levar em consideração as questões relacionadas à existência de uma cadeia de sistemas que estabelecem uma língua e a organização do uso por meio do sintagma e do paradigma.

O olhar de Halliday acerca do funcionalismo está fortemente atrelado à noção da linguagem como um conjunto de escolhas, o que lhe confere uma orientação paradigmática. Nessa perspectiva, a teoria linguística se organiza com duas possibilidades alternativas, que são a ‘cadeia’ (o sintagma) e a ‘escolha’ (o paradigma) (Halliday *apud* FERREIRA & OLIVEIRA, 2011).

O foco da gramática sistêmico-funcional hallidaiana está na hipótese de que o estudo da língua e da linguagem está intimamente ligado ao texto, não podendo excluí-lo, visto que ele é o elemento primário da comunicação e se organiza como uma unidade de sentidos a partir dos processos gramaticais que o compõem. Em conformidade com essa visão, o modelo encaminha-se para a explicação da maneira pela qual os textos realizam uma significação a partir do sistema linguístico.

O que concerne à proposta hallidaiana é a noção da linguagem como um sistema semiótico, cujo propósito é a produção de significação. Dessa forma, não existe produção de significados fora do sistema, portanto a gramática desempenha uma função primordial. A partir desse entendimento, a teoria evoca características cognitivas humanas para dar conta da explicação do sistema linguístico funcionalmente.

Dessa forma, conforme ressaltam Halliday *et al.* (2004 *apud* SANTOS, 2014), a linguagem é entendida sob dois pressupostos: a representação do mundo (dar sentido a nossa experiência) e a interação com os outros (influir sobre os outros), sendo esses pressupostos organizados em forma de informação, mensagem (texto). Por conseguinte, são as configurações de significados e as relações entre esses significados que concedem à língua uma unidade coerente e significativa.

Nessa perspectiva, Neves (1997) aponta que “uma gramática funcional é aquela que constrói todas as unidades de uma língua – suas orações, suas expressões - como configurações orgânicas de funções, e, assim, tem cada parte interpretada como funcional em relação ao todo” (NEVES, 1997, p. 63).

Sendo assim, a teoria linguística sistêmico-funcional se caracteriza numa perspectiva social, indo de encontro com o formalismo. É pensar na linguagem como uma ferramenta para produzir significados a partir dessa cadeia de sistemas e não como um sistema pautado por regras. Dessa forma, o uso da língua ocorre a partir das escolhas.

Para o linguista funcional, são os usos da língua que dão formas aos sistemas. “A gramática é, afinal, o mecanismo linguístico que liga umas às outras seleções significativas que derivam das várias funções da linguagem e se realizam numa forma estrutural unificada” (HALLIDAY, 1973 *apud* NEVES, 1997, p. 60).

Para Halliday, a linguagem, além de um sistema pelo qual o homem comunica seus pensamentos e ideias a outros homens, também serve para ele próprio organizar um conhecimento do mundo ao seu redor, bem como das situações que vivencia.

Nessa perspectiva, é pensar a função da linguagem como agente de significados por meio de escolhas do falante. Isso acontece a fim de possibilitar ao homem a produção e troca de significados, visto que não interagimos de modo a trocar sons, palavras ou sentenças apenas. E é a partir daí que o estudioso propõe a multifuncionalidade de todo uso da língua. Para ele, em nossas práticas comunicativas, a linguagem desempenha simultaneamente três metafunções básicas, que são: a produção de significados ideacionais, interpessoais e textuais.

Para o autor, a língua toma a forma de uma série de estruturas sistêmicas que são representativas das escolhas do falante e que possuem uma natureza semântica. A elas se associa algum tipo de elemento lexicogramatical. Assim, os falantes de uma língua, na busca

de se comunicarem de forma eficiente, procuram, dentre as escolhas disponíveis, aquelas que mais se adequam à situação que experienciam.

À luz da perspectiva sistêmico-funcional da linguagem, entendemos que esta reflete a vivência do falante no mundo relacionando os processos, os participantes e as circunstâncias. No que diz respeito a essa vivência, a figura – que se realiza por meio da oração – é a representação do mundo do falante e corresponde a um grupo de elementos – o elementar, o configuracional e o complexo – que podem desempenhar diferentes funções. Para as discussões deste subcapítulo, o foco será no nível configuracional.

Entende-se por *processo* o elemento que é representado por um sintagma verbal; é o elemento central da oração. Já os *participantes* são representados por grupos nominais. Eles são “os atores”. Entendemos como atores, aqueles que “fabricam” os processos verbais e estão diretamente envolvidos no processo. As *circunstâncias* são realizadas por um sintagma adverbial ou preposicionado e existem para agregar dados temporais, causais, espaciais, etc. e ao contrário dos participantes, não estão essencialmente envolvidas no processo.

Com base na sua compreensão sobre a natureza da linguagem, Halliday distingue processos que dizem respeito a um mundo interno e processos que dizem respeito a um mundo externo.

Os primeiros corresponderiam aos *processos mentais*, ou seja, expressam como o sujeito concebe a experiência na sua consciência, compreendendo percepções como *ver*, *lembrar* e *gostar*. Os segundos corresponderiam aos *processos materiais*, que expressam situações do âmbito do fazer. São processos que dizem respeito às ações e eventos experienciados, como *queimar*, *caminhar* e *recolher*.

Além destes dois processos básicos, há os que se localizam na fronteira entre estes dois, a saber: os processos relacionais, comportamentais, existenciais e dicendi. Os *processos relacionais* referem-se ao ato do sujeito de relacionar fatos e são expressos por verbos como *ser* ou *estar*. Já os *comportamentais*, são processos que abrangem desempenhos físicos e psicológicos típicos de seres humanos, tais como *chorar*, *sorrir* e *bocejar*. Por fim, existem os *processos dicendi* representados por verbos como *dizer*, *murmurar*, *gritar*. São eles que utilizamos para apresentar o dizer, a fala.

Dessa forma, a partir desses processos, percebemos que vários são os fatores que irão determinar como a oração é produzida. O resultado vai depender das escolhas semânticas dos falantes e do contexto em que um verbo, por exemplo, está inserido.

Vejamos os exemplos de Fuzer e Cabral (2014):

- a) Meu amigo toca violão (material)
- b) A música me toca profundamente (mental)

No exemplo *a*, o processo *tocar* expressa o fazer uma ação apresentando o participante *Meu amigo*. Já no exemplo *b*, o processo *tocar* realizado é diferente – o mental – no qual o participante expressa um sentir algo.

Para meu trabalho, importa abordar os processos existenciais, que na gramática sistemicofuncional de Halliday é o local onde se encontram os verbos estudados neste trabalho. Assim, abordarei tais processos na seção que se segue.

## 2.2.2 Os processos existenciais de Halliday

Os processos existenciais são processos que dão conta de que algo existe ou acontece no mundo extralinguístico, como *haver/ter*, *ocorrer*, *existir*, dentre outros – esses verbos não exigem a presença de circunstâncias. Diferente dos demais processos, eles não apresentam um participante, mas sim um existente. Dessa forma, podemos compreender que na sentença “O estudante esforçou-se para tirar boas notas”, denomina-se participante – ou ator – *o estudante* que indica quem produziu o processo material *esforçar-se*. Já na sentença “Creio que há nesse grupo coordenadores também.”<sup>4</sup> ou “Tem um monte de gente que bebe e depois coloca a esposa pra dirigir”<sup>5</sup>, os participantes das sentenças são denominados *existentes*.

O existente pode representar uma pessoa, um objeto, uma instituição ou uma abstração como também uma ação ou evento, geralmente com a presença de circunstâncias de lugar e tempo, como nas sentenças “No Brasil, há poucos leitores” e “Nas férias, há muitas pessoas que viajam”, nas quais *No Brasil* e *Nas férias* são, respectivamente, circunstâncias de lugar e de tempo; o processo existencial do verbo *haver* é acompanhado do existente – *há poucos leitores* e *há muitas pessoas que viajam*.

Após essa pequena introdução acerca dos processos existências, segundo Halliday, passo à próxima seção para discorrer sobre os verbos existenciais nas gramáticas tradicionais.

## 2.3 OS VERBOS EXISTENCIAIS NAS GRAMÁTICAS TRADICIONAIS DE LÍNGUA MATERNA

De acordo com a gramática sistêmico-funcional de Halliday os verbos impessoais, como apresentados nas gramáticas tradicionais, são chamados de processos existenciais.

<sup>4</sup> Retirado em 22/12/2020 do Facebook.

<sup>5</sup> Retirado em 22/12/2020 do Facebook.

De acordo com Evanildo Bechara (2014), “[s]ujeito é o termo da oração que indica o tópico da comunicação representado por pessoa ou coisa de que afirmamos ou negamos uma ação ou uma qualidade”. Dessa forma, é o termo ou ser a que se faz uma declaração. Essa afirmação acerca do sujeito ser um termo essencial é um dos conceitos que causam contradição nas gramáticas, já que na própria Nomenclatura Gramatical Brasileira e nas gramáticas que a seguem encontraremos a chamada “oração sem sujeito”. Conforme Bechara (2014) destaca “nas referidas orações não se pensa em atribuir a declaração expressa no predicado a quem quer que seja”, assim, o foco comunicativo é centrado no comentário.

Nas frases “Chove”, “Anoitece”, e “Faz frio” o foco é o processo verbal que não é atribuído a nenhum ser. A estrutura dessa oração é composta com verbo – denominado verbo impessoal. A gramática de Celso Cunha e Cintra (2017) nos traz sobre o verbo impessoal a seguinte afirmação: “[m]uitas vezes é a própria ideia expressa pelo verbo que não pode aplicar-se a determinadas pessoas”. Dessa forma, não possuem sujeito.

Analisando-se algumas gramáticas tradicionais de língua materna, pode perceber que não há consenso sobre a definição de sujeito nem sobre o conceito de verbos impessoais, como pode ser capturado por meio das tabelas a seguir:

Gráfico 1 – Definições de sujeito nas Gramáticas Tradicionais

|         |                                                                                                                                      |
|---------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| BECHARA | Chama-se sujeito à unidade ou sintagma nominal que estabelece uma relação prediativa com o núcleo verbal para constituir uma oração. |
| C.CUNHA | É o ser sobre o qual se faz uma declaração.                                                                                          |
| INFANTE | É o termo da oração que concorda em número e pessoa com o verbo.                                                                     |
| R. LIMA | O ser de quem se diz algo.                                                                                                           |

Fonte: Elaborado pelo próprio autor (2021).

O estudioso Mário Perini (2005) discorda de todos quando diz que orações como “Em Belo Horizonte chove um bocado”, exprimem, claramente, uma declaração sobre Belo Horizonte o que contradiz a GT em relação ao conceito de oração sem sujeito. O autor conclui, em suma, que a oração em pauta não tem sujeito porque o verbo “chover” não concorda com nenhum dos termos nela presentes. Dessa forma, o conceito mais razoável de sujeito segue o critério sintático: o sujeito é o termo com o qual o verbo concorda. Em relação a essa discordância, Perini (2005) aponta que isso ocorre porque a aprendizagem da gramática acontece a partir de suas tarefas não relacionais.

Nas gramáticas tradicionais, conforme salienta Perini (2010), o sufixo de pessoa-número é mostrado como “Sujeito oculto”, que para ele não existe como nomenclatura conforme a oração “Quebrei o copo”. Assim, quando uma estrutura apresentar um sufixo de pessoa-número é classificada como Oração sem sujeito, porque não há um sintagma nominal anterior, como em “Eu quebrei o copo”.

Bechara (2001), analisando os diversos tratamentos conferidos ao uso da estrutura de valor temporal, diz que tais estruturas se apresentam também seguidas da conjunção *que*, o que traz dificuldades para sua análise. Outros autores afirmam que essas formas – *há vinte anos, há muito tempo, há duas semanas* etc. – teriam sofrido processo de gramaticalização, passando a ser consideradas adjuntos adverbiais de tempo, o que as aproximariam funcionalmente da preposição *desde*. De sorte, parece existir uma tendência a sedimentá-las num uso especializado. Nesse sentido, então, seriam construções que resistiriam como formas cristalizadas, encerrando funções próprias de uma preposição, ou seja, teriam sofrido um processo de lexicalização.

## 2.4 OS VERBOS TER E HAVER, SEGUNDO CALLOU (2019)

O artigo de Callou (2019), considerando a evolução da língua, nos mostra acerca dos verbos *ter* e *haver* que “esses verbos caminham juntos, desde a sua origem”. Dessa forma, nesta seção abordarei a relação entre esses dois verbos, porém com foco no verbo “haver”. Afinal, nos contextos menos formais, o verbo *ter* tem tomado, de forma gradativa, o espaço do verbo *haver* que tem sido empregado em situações mais formais da língua no PB.

A autora defende que o uso de *ter/haver-existencial-impessoal* e a concordância verbal, pode ter relação com seus valores originais e a interpretação do complemento subsequente não como acusativo, mas sim como nominativo.

Esta seção está dividida em duas subseções. Na primeira abordarei acerca da mudança semântica do verbo *haver*, já na segunda, apresentarei como o *haver* é empregado nos dias atuais.

Passo agora a primeira subseção.

### 2.4.1 A mudança semântica do *haver*

Estudos sobre tipos sentenciais no português medieval mostram que existe uma relação entre os verbos *ser* e *haver* e que ocorreu um processo de mudança, sendo usado hoje outros verbos. O verbo *ser* indicava existência – “Um Rei, por nome Afonso, foi na

Espanha”<sup>6</sup> e o verbo *haver* – “Houvemos uma alegria imensa naquele dia” era usado para indicar posse. Ao longo dos tempos, o *haver* perdeu seu sentido de posse e tornou-se um verbo existencial e o verbo *ser* se manteve apenas para indicar estado transitório ou permanente.

Essa substituição abriu espaço na história da língua portuguesa para o verbo *ter* – “Eu tenho muitos amigos” que passou a apresentar o sentido de posse, antes do verbo *haver* e ainda disputando com este verbo o sentido existencial – “Neste país tem muitas pessoas boas”.

Os verbos *ter* e *haver* ocorrem também em expressões participiais e temporais. Já a implementação do uso de locuções verbais sendo empregados como verbos auxiliares de alguns verbos regulares como, por exemplo: “Ele tinha matado o rato” ou ainda “Ele havia estudado toda a matéria de Matemática”.

Nas línguas do mundo, há uma relação entre *existência/tempo/posse* no sentido de que estruturas existenciais costumam emergir de estruturas temporais e possessivas. No caso da posse, ela implica um objeto possuído no tempo. Já no caso das estruturas temporais, um objeto que existe no tempo. Assim nas estruturas existenciais, o tempo decorrido é um interpretado metaforicamente como objeto possibilitando que estruturas existenciais venham a surgir a partir daquelas.

Segundo Callou (2019), a existência ocorre a partir da posse, na qual os elementos temporais – horas, dias, meses, anos – são tratados conceptualmente na mente como objetos, tal como ocorre nas estruturas existenciais, por sua vez, derivadas das estruturas possessivas, como no exemplo: “Havia dois anos que não via meu irmão”. Observa-se então o uso de *ter/haver-existencial-impessoal* e a concordância verbal, que pode ter relação com a necessidade que as pessoas possuem em ter o sujeito preenchido. Nesse sentido, a maioria dos falantes optariam pela construção “Haviam dois anos que não via meu irmão” concordando o verbo *haver* com o objeto *dois anos*.

No próximo subitem, com o intuito de buscar compreender o sentido do verbo *haver*, nos dias atuais, farei algumas considerações baseadas nos estudos realizados por Callou (2019).

#### 2.4.2 O haver no presente

Consoante aos estudos de Callou (2019), o uso do verbo *ter* existencial, na língua falada, cresceu consideravelmente nas últimas décadas. Há quem diga que ele pertence ao

---

<sup>6</sup> CAMÕES, Luiz de. Os Lusíadas. Disponível em: <<https://oslusiadas.org/iii/23.html>>. Acesso em: 16 mai. 2021.

emprego coloquial da língua, porém mesmo na escrita, em veículos jornalísticos mais populares o *ter* existencial é empregado. No entanto, jornais de maior prestígio optam pelo emprego do *haver*, mantendo a norma mais tradicional. Pensando no *corpus* que adotei para a análise do meu trabalho e em outros textos menos formais, mesmo na escrita, o *ter* existencial ocupa lugar de destaque em detrimento do *haver*.

Levando em consideração as diversas escolhas que a língua nos proporciona, percebemos que o indivíduo que emprega o verbo *haver*, no sentido de existir, adquiriu esse aprendizado na vida escolar. A partir disso, podemos considerar que o falante da língua materna sente a necessidade do preenchimento do sujeito, realizando assim a concordância com o objeto do verbo.

Segundo as GTs, o *haver* existencial – e o *ter* existencial “trilham” o mesmo caminho – pertence a construções impessoais, nas quais a posição de sujeito fica vazia. Dessa forma, são considerados invariáveis e conjugados na 3ª.pessoa do singular. Consoante ao entendimento de Callou, quando indicam posse, comportam-se como verbos pessoais e tendem a concordar com o argumento externo; quando indicam existência, comportam-se como verbos impessoais e não ocorre concordância verbal.

Percebe-se que o falante do PB ainda apresenta dificuldade com a concordância do verbo *haver*, visto que ele é empregado de forma mais rara e em contextos mais formais, como num discurso político, por exemplo. Já em contextos menos monitorados, o falante emprega com maior frequência o verbo *ter*, mesmo quando quer apresentar um sentido de existência.

Esta análise aponta a herança que os verbos *ter* e *haver* no PB, no sentido de existir, receberam em relação aos aspectos sintáticos-semânticos de suas versões possessivas. Além disso, percebe-se que o fenômeno da concordância verbal com esses dois verbos, em construções existenciais, é empregado, às vezes, em situações contextuais, nas quais o falante da língua materna do PB se encontra num contexto formal e almeja ser visto como um falante da norma padrão. Porém, em virtude da raridade do emprego do verbo *haver* na linguagem coloquial do PB, o emprego da forma de terceira pessoa do plural é observado de forma imediata, sendo classificado de forma errônea.

Passo agora à metodologia que foi utilizada para se atingir os objetivos deste trabalho.

### 3 METODOLOGIA

Com o objetivo de investigar o fenômeno da concordância do verbo haver-existencial com o seu complemento, utilizei-me de dados coletados de uma rede social – o FACEBOOK. Ele é uma rede social que permite a conversa com amigos e compartilhar mensagens, links, vídeos e fotografias, entre outros. Nos dias de hoje, o Facebook configura mais um gênero textual, visto que é uma ferramenta de integração tanto na dimensão discursiva quanto na unidade de ensino. Assim, foram extraídos 60 trechos, entre de dezembro de 2020 a maio de 2021.

Tais trechos foram extraídos por meio do ícone de busca (ferramenta do Facebook), Desta forma, busquei por todos os tempos e modos verbais, na 3ª pessoa do plural, para o verbo *haver*, na forma pessoal. Apenas não foram encontrados resultados para os tempos Presente e Pretérito Mais que Perfeito, ambos do Modo Indicativo e no Modo Imperativo, o Afirmativo e Negativo.

A fim de verificar quais fatores poderiam influenciar o fenômeno da concordância, foram eleitas variáveis linguísticas e não linguísticas, a saber: a natureza semântica do sintagma nominal, conforme seja: abstrato não-temporal, abstrato de matiz temporal, concreto [-humano] e concreto [+ humano]; o tipo textual do contexto; a semântica do verbo *haver*, na qual foram encontrados casos ambíguos – impossibilidade de se interpretar se o sentido do verbo *haver* era de *existir* ou *sucedido/ocorrer/acontecer*; a faixa etária e o tempo verbal.

## 4 ANÁLISE DOS DADOS

Nesta seção analisarei os dados do *corpus* para as variáveis: a natureza semântica do sintagma nominal, o tipo textual do contexto, a semântica do verbo *haver*, a faixa etária e o tempo verbal.

Após a exemplificação de cada variável, apresento um gráfico ao qual se segue a análise dos dados.

### 4.1 A NATUREZA SEMÂNTICA DO SINTÁGMA NOMINAL (SN)

No que diz respeito ao traço semântico do SN que ocorre na posição pós-verbal podem ser:

- (1) Substantivo Abstrato Não Temporal: “ 1 ano e 4 meses, 485 dias, 11.640 horas, 698.400 minutos, 41.904.000 segundos e não teve nenhum momento em que eu não pensasse em você. Claro que houveram momentos difíceis, mas sempre há, o importante é que passamos por ele e restabelecemos nossas forças para seguir em frente”.<sup>7</sup>
- (2) Substantivo Abstrato de Matiz Temporal: “Haverão dias bons e ruins. DEUS estará em todos eles”.<sup>8</sup>
- (3) Substantivo Concreto –humano: “Praticamente impossível haverem fotos destes pombinhos sem que estejam a sorrir!”<sup>9</sup>
- (4) Substantivo Concreto +humano: “Se todas as mulheres fossem unidas não haveriam homens canalhas.”<sup>10</sup>

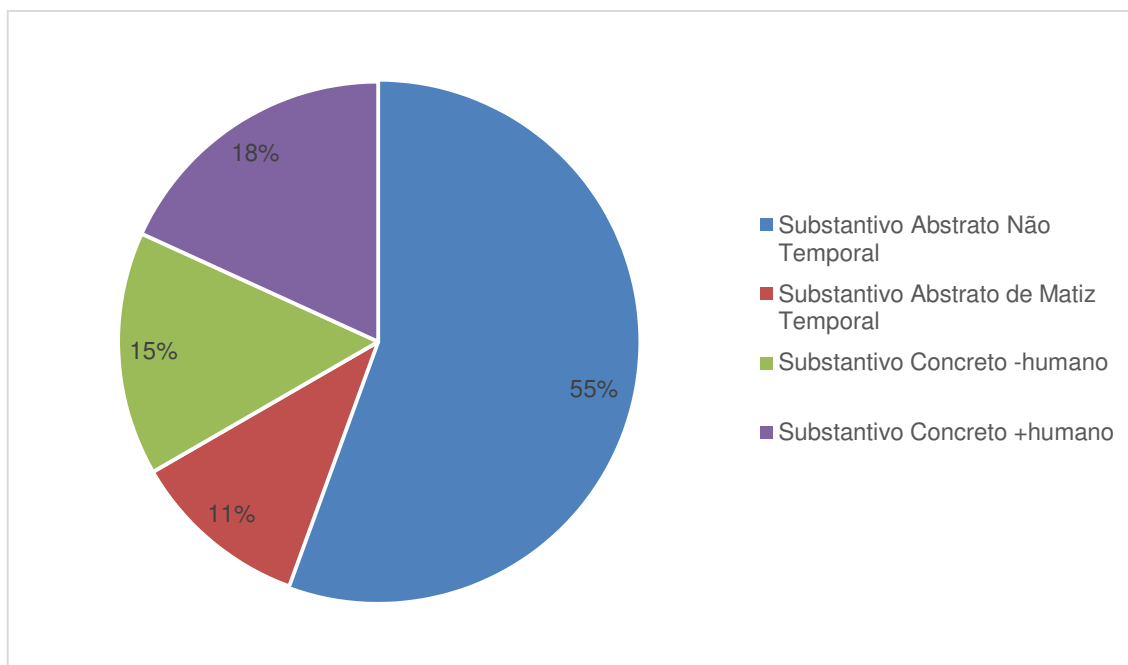
<sup>7</sup> Retirado em 15/05/2021 do Facebook.

<sup>8</sup> Retirado em 15/05/2021 do Facebook.

<sup>9</sup> Retirado em 15/05/2021 do Facebook.

<sup>10</sup> Retirado em 15/05/2021 do Facebook.

Gráfico 2 – Natureza do SN



Fonte: Elaborado pelo próprio autor (2021)

Analisando-se a natureza semântica dos SN's, que ocorreram após o verbo *haver*, notamos a presença expressiva de 55% de **SN's abstratos de não temporal** dos dados coletados. No entanto, encontramos SN's abstratos de Matiz Temporal – foram encontrados 7 dados – o que demonstra a gramaticalização do verbo *haver*, pois prescinde de substantivos temporais (CALLOU, 2019, p. 84). No exemplo (2) fica claro que o vocábulo *dias* foi tratado como sujeito, por isso ocorreu a concordância do verbo no plural.

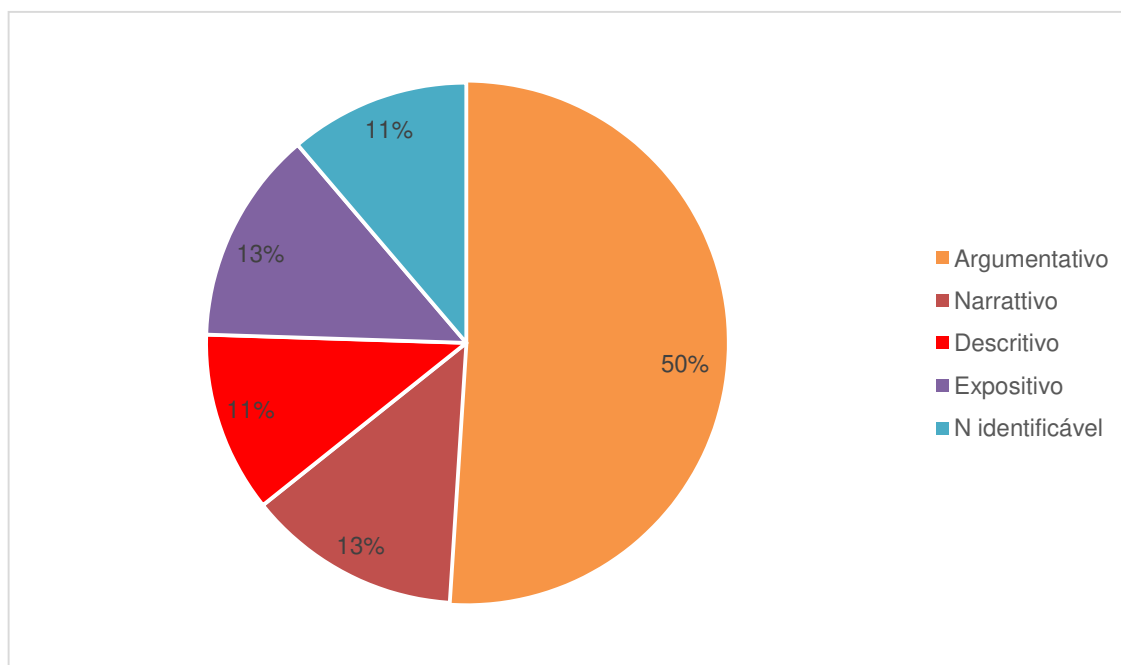
A pesquisa ainda nos trouxe outras ocorrências do emprego do verbo *haver*, em relação aos Sintagmas Nominais. Houve uma quantidade significativa de SN's concretos, que totalizaram 20 dados (ou 33% da amostra). Destes substantivos concretos, 9 dados corresponderam a substantivos concretos com o traço (- humano), o que corresponde a 15%, ao passo que os substantivos concretos de traço [+ humano] totalizaram 11 dados (18%).

## 4.2 TIPO TEXTUAL DO CONTEXTO

Exemplifico abaixo os tipos textuais encontrados na amostra.

- (5) Argumentativo: “Hoje você completa 15 anos. O momento que vivemos não permite comemorarmos da forma que tínhamos planejado, houveram mudanças mas o dia ainda chegará quando tudo isso passar”.<sup>11</sup>
- (6) Narrativo: “Não é oficial se não tiver fotinha e texto, kk, esses últimos dias estão sendo dias felizes pra mim, pois eu finalmente realizei meu sonho de entrar na UFG, houveram tantos obstáculos nesse longo caminho, enfim, não desisti”.<sup>12</sup>
- (7) Descritivo: “Sabotadores mercantilizam a natureza como se não houvessem consequências graves. Elas já são visíveis e mensuráveis”.<sup>13</sup>
- (8) Expositivo: “Chegará um momento em que não haverão mais fronteiras geopolíticas com separações injustas e ilógicas!”<sup>14</sup> parte regida por um texto base, segundo os cadernos, que é tratada como interdisciplinar, de acordo com o gabarito, mas que não é previamente apresenta no edital. Assim, ao olhar para o exame da UERJ, analisarei apenas os itens contidos nesta parte.

Gráfico 3 - Tipologia textual



Fonte: Elaborado pelo próprio autor (2021)

<sup>11</sup> Retirado em 14/05/2021 do Facebook.

<sup>12</sup> Retirado em 14/05/2021 do Facebook.

<sup>13</sup> Retirado em 15/05/2021 do Facebook.

<sup>14</sup> Retirado em 15/05/2021 do Facebook.

Em relação à tipologia textual, os dados demonstraram maior ocorrência nos **textos argumentativos**, totalizando 50% das amostras (30 dados). Minha hipótese é que a rede social seja um ambiente no qual a maioria das pessoas sintam-se confortáveis para argumentar acerca de suas vidas e relações pessoais. O restante da pesquisa demonstrou que os textos narrativos e expositivos apresentaram, cada um, a quantidade de 8 dados, enquanto o descritivo apresentou 11% dos dados coletados. Ainda foram encontrados textos em que não foi possível identificar a tipologia textual. Não foram encontrados dados que apresentassem a tipologia injuntiva.

#### 4.3 SEMÂNTICA DO VERBO HAVER

As amostras coletadas apresentaram ocorrências de dois (2) sentidos do verbo *haver*, como apresento a seguir.

- (9) Sentido de Existir: “A caminhada é longa, com certeza haverão muitos espinhos, mas sem sombra de dúvidas eu estarei do seu lado”.<sup>15</sup>
- (10) Sentido de Suceder/Ocorrer/Acontecer: “Se Tens um sonho ou desejo de algo não desista mesmo que no longo desse caminho hajam perdas elas são para mostrar que vc é forte e está no caminho certo pq só os fortes sobrevivem”.<sup>16</sup>
- (11) Sentido Ambíguo: “Te levo comigo onde ando e sei que você está guiando tudo e sei principalmente que você anda triste por coisas que você não queria que houvessem, mas hoje eu só vim mais uma vez dizer que a saudade nunca foi embora, sou grato por te conhecido você”.<sup>17</sup>

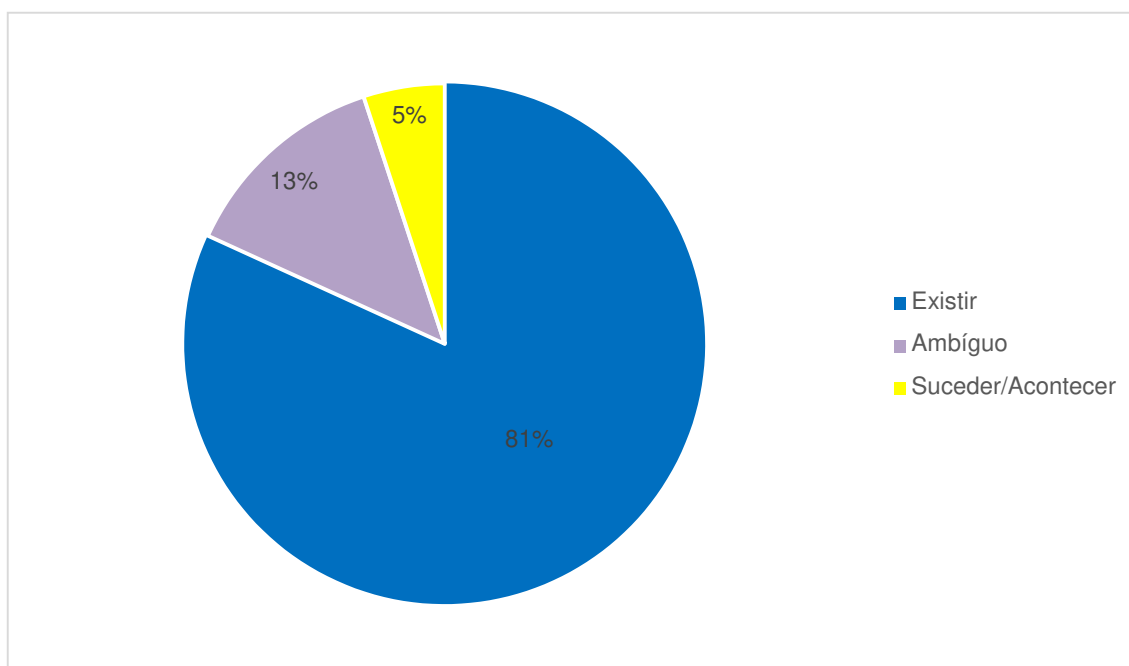
---

<sup>15</sup> Retirado em 15/05/2021 do Facebook.

<sup>16</sup> Retirado em 15/05/2021 do Facebook.

<sup>17</sup> Retirado em 15/05/2021 do Facebook.

Gráfico 4 - Semântica do verbo 'Haver'



Fonte: Elaborado pelo próprio autor (2021)

No que tange ao sentido do verbo *haver*, as amostras demonstraram maior incidência com o verbo no **sentido de existir**, no qual foram encontrados 49 dados, ou seja, 81%. Também foram encontrados 3 dados com o sentido de *suceder/ocorrer/acontecer* e 8 dos dados coletados apresentaram sentido *ambíguo* - um termo utilizado para se referir que não houve possibilidade de se determinar se o verbo *haver* foi empregado com sentido de existir ou de ocorrer/acontecer/suceder.

#### 4.4 FAIXA ETÁRIA

Para a análise das variações diastráticas, por faixa etária, considerei os seguintes exemplos:

(12) (20 anos) “Tem aproximadamente 1 semana e meia q voltei a treinar depois de mais de 8 meses parada devido a esse episódio que estamos vivendo. Haviam 6 garotas na chave, perdi a primeira e ganhei a segunda derrubando 3 delas e conseguindo o meu lugar no pódio em 3º lugar”.<sup>18</sup>

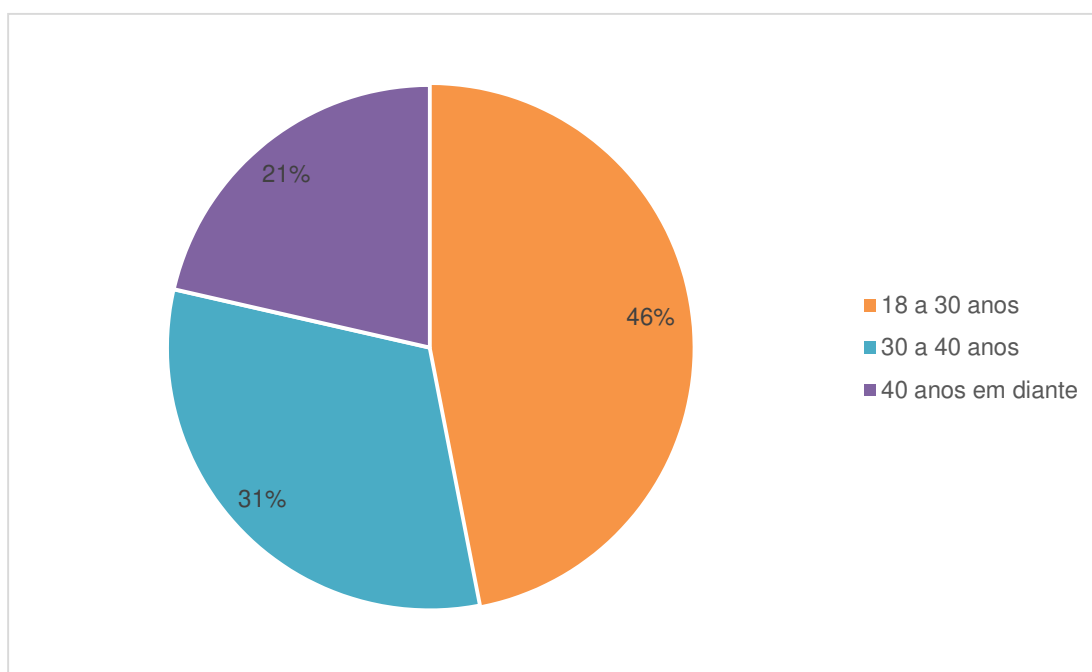
<sup>18</sup> Retirado em 14/05/2021 do Facebook.

(13) (32 anos) “Queria que houvessem palavras pra expressar tudo o que sinto e desejo pra você, pois todo dia é dia de celebrar a vida, mas hoje em especial, hoje é seu aniversário!”

<sup>19</sup>

(14) (59 anos) “Sou mais feliz com Jesus. Dificuldades sempre haverão, mas a vida é mais leve com Jesus”.<sup>20</sup>

Gráfico 5 - Faixa etária



Fonte: Elaborado pelo próprio autor (2021)

Ao analisar a faixa etária dos participantes, notamos que a maior incidência foi de **jovens entre 18 a 30 anos**, representando 28 amostras (o equivalente a 46% dos dados). Seguidos pela faixa etária de 30 a 40 anos, com 19 dados (equivalendo a 31% das amostras) e pelos participantes de 40 anos em diante com 21% dos dados, ou seja, 13 amostras.

O exemplo (11) corrobora com o que nos aponta (CALLOU, 2019, p. 91) acerca do preenchimento do sujeito por um pronome expletivo – a forma *você*. O falante concorda o verbo *haver* com o objeto *6 garotas*, por considerá-lo como único argumento em função do não preenchimento da posição de sujeito.

<sup>19</sup> Retirado em 15/05/2021 do Facebook.

<sup>20</sup> Retirado em 15/05/2021 do Facebook.

#### 4.5 TEMPO VERBAL DO PROCESSO EXISTENCIAL

Abaixo apresento alguns dos tempos verbais encontrados nas amostras coletadas.

- (13) Pretérito Perfeito do Indicativo: “Você é um homem muito sensível a Deus, e essa foi uma das coisas que me fez te amar. Já houveram diversas situações em que eu me desesperei, mas em você eu tive paz, ahhh que paz”.<sup>21</sup>
- (14) Pretérito Imperfeito do Indicativo: “Veja a situação que nos encontramos. No Boletim divulgado ontem, dia 14, diz que haviam 8 leitos ocupados no Hospital local e 1 paciente na UTI. Já no Boletim de hoje, dia 15, diz que o número de leitos ocupados no Hospital local caiu de 8 para 6, mas em compensação o número de pacientes na UTI subiu para 3. A situação só cresce”.<sup>22</sup>
- (15) Futuro do Presente do Indicativo: “Queria colocar essa foto sorrindo, para lembrar a mim mesma, que ainda vale a pena viver e que haverão muitos sorrisos”.<sup>23</sup>
- (16) Futuro do Pretérito do Indicativo: “Se não fosse amor, não haveriam planos, nem vontades, nem ciúmes, nem coração magoado”.<sup>24</sup>
- (17) Presente do Subjuntivo: “A vida é a arte do encontro embora hajam tantos desencontros pela vida!”<sup>25</sup>
- (18) Pretérito Imperfeito do Subjuntivo: “Quisera eu pincelar flores onde houvessem lágrimas...”<sup>26</sup>
- (19) Futuro do Subjuntivo: “E se não houverem Razões pra você Ficar, eu Crio uma”.<sup>27</sup>
- (20) Infinitivo Pessoal: “Ocorrença em andamento, ainda fazendo buscas na possibilidade de haverem mais pessoas e mais um veículo”.<sup>28</sup>

---

<sup>21</sup> Retirado em 15/05/2021 do Facebook.

<sup>22</sup> Retirado em 15/05/2021 do Facebook.

<sup>23</sup> Retirado em 15/05/2021 do Facebook.

<sup>24</sup> Retirado em 15/05/2021 do Facebook.

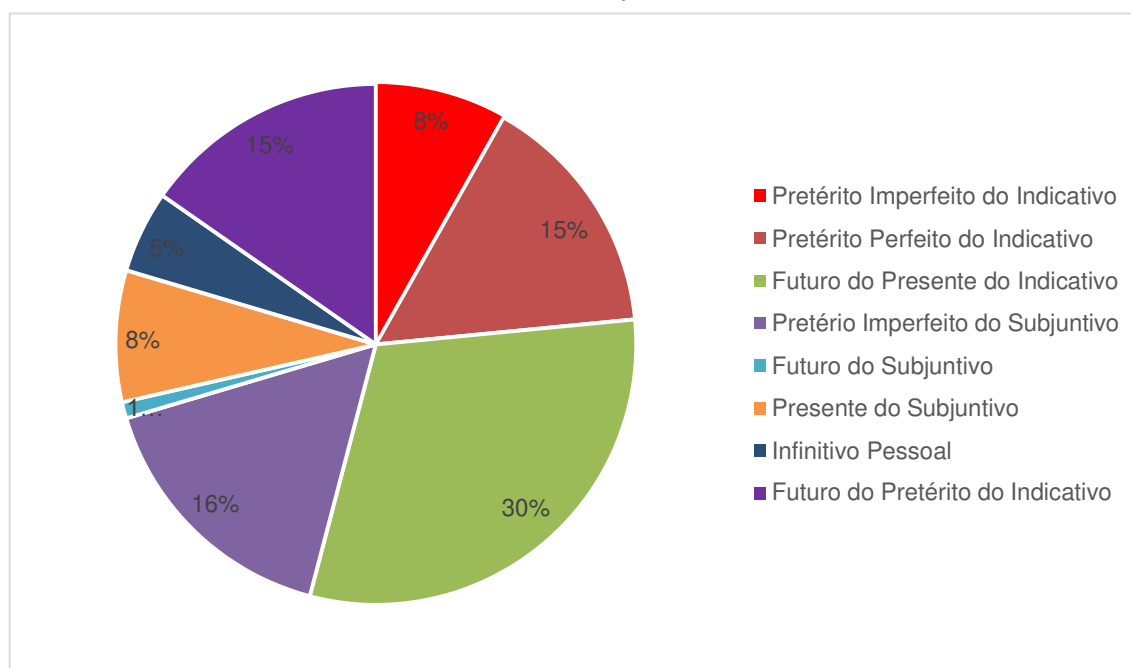
<sup>25</sup> Retirado em 15/05/2021 do Facebook.

<sup>26</sup> Retirado em 15/05/2021 do Facebook.

<sup>27</sup> Retirado em 15/05/2021 do Facebook.

<sup>28</sup> Retirado em 15/05/2021 do Facebook.

Gráfico 6 - Tempo verbal



Fonte: Elaborado pelo próprio autor (2021)

O processo verbal mais encontrado nas amostras foi o **Futuro do Presente do Indicativo** com a significativa quantidade de 18 dados, o que equivale a 30%. Os demais 70% (42 amostras) foram distribuídos pelos processos verbais a seguir: Pretérito Imperfeito do Subjuntivo 10 dados (16%), Futuro do Pretérito do Indicativo e Pretérito Perfeito do Indicativo 9 dados cada (equivalente a 15% cada um), Pretérito Imperfeito do Indicativo e Presente do Subjuntivo, ambos apresentaram 5 dados (equivalendo a 8% cada), Infinitivo Pessoal 3 dados (5%) e Futuro do Subjuntivo 1 amostra (1%).

Não foram encontradas amostras que apresentassem os processos verbais no Presente e Pretérito Mais que Perfeito do Indicativo, no Futuro do Subjuntivo e nos processos do Modo Imperativo.

Passo agora às considerações finais.

## 5 CONCLUSÃO

O desenvolvimento do presente estudo possibilitou uma análise de como o falante da língua materna realiza a concordância do verbo *haver* em ambientes informais. Para essa análise, utilizei os fundamentos do Sociofuncionalismo que nos traz o entendimento do funcionamento da língua em seu real uso.

Ao coletar as amostras no FACEBOOK percebi que os falantes registram a escrita como utilizam a fala e que suas escolhas partem de seus conhecimentos sobre a língua de forma assimilada.

O estudo desenvolveu-se a partir de 5 variáveis. Na primeira, observei que a natureza semântica dos SN's, predominante nos dados coletados, que ocorreram após o verbo *haver*, no caso de SN's abstratos de matiz não temporal, apontaram para a gramaticalização do verbo *haver*.

Ao analisar a segunda variável – tipologia textual – verifiquei que esse espaço digital, que se apresenta como um local de interação humana, é um ambiente propício à argumentação, visto que foi demonstrado a metade (30) dos dados coletados nesse tipo textual.

A terceira variável, na qual investiguei a semântica do verbo *haver*, percebi com base nessas amostras, que a maioria dos falantes consideram esse verbo com o sentido de *existir*, provando os conceitos de mudança de sentido de Callou (2019).

A quarta variável utilizada foi a faixa etária, na qual foi constatada que os jovens entre 18 a 30 anos são os que mais utilizam essa ferramenta social com o objetivo de descontrair e socializar, o que sugere um ambiente mais informal.

A quinta variável – tempo verbal no processo existencial – demonstrou como os falantes da língua concordam o verbo *haver* utilizando como referente os objetos dessas construções oracionais.

Além das variáveis estudadas, outras poderiam ser consideradas, dentre as quais, a escolaridade, que poderiam ser relevantes para uma melhor entendimento de como é realizada a concordância do verbo *haver*.

Diante dessas considerações, minha hipótese inicial se confirma de que os professores, no ambiente da sala de aula, no qual usam as gramáticas tradicionais da língua materna precisam reconsiderar o ensino do verbo *haver*. As GTs categorizam, no rol dos verbos impessoais, esse verbo que possui um comportamento complexo.

De qualquer forma, o maior objetivo deste trabalho foi trazer à reflexão de como, nós professores, devemos “olhar” o aluno como um ser social, que precisa conhecer e fazer uso da língua dentro de cada necessidade e contexto social. Dessa forma, contribuir, de alguma

maneira, para a melhoria do processo ensino-aprendizagem dos mesmos, num trabalho contínuo de ação e reflexão sobre a linguagem.

## REFERÊNCIAS

- AZEREDO, José. **Fundamentos de gramática do português**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002. 2ª ed.
- BECHARA, Evanildo. **Lições de português pela análise sintática**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2014.
- BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.
- CALLOU, Dinah. **As construções existenciais em foco**. Bahia: Edufba, 2019.
- CARMO SANTOS, Cassiano Luiz do. As orações complexas de conformidade em Português e em Inglês. **Dissertação (mestrado em linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ**, Rio de Janeiro, 2008.
- CEZARIO, Maria Maura. Sociofuncionalismo. In: MOLLICA, M. C.; FERRAREZI JUNIOR, C. (Orgs.). **Sociolinguística, sociolinguísticas: uma introdução**. São Paulo, Editora Contexto, 2016. p. 51.
- CUNHA, Celso. CINTRA, Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. Rio de Janeiro: Lexikon, 2017.
- INFANTE, Ulisses. **Curso de Gramática aplicada aos textos**. São Paulo: Scipione, 1999.
- FERREIRA, Márcia Assis; OLIVEIRA, Lúcia Pacheco. Quando escrevo, *solicito*; Quando telefono, *quero*: a transitividade em gêneros da oralidade e da escrita sob a perspectiva sistêmico-funcional e de *corpus*. **Dissertação (mestrado em Letras) – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, PUC-Rio**, Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: <[http://www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/tesesabertas/0912653\\_2011\\_cap\\_4.pdf](http://www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/tesesabertas/0912653_2011_cap_4.pdf)>. Acesso em: 16 mai. 2021.
- FURTADO CUNHA, M. A.; RIOS DE OLIVEIRA, M.; MARTELOTTA, M. (Orgs.). **Linguística Funcional: teoria e prática**. Rio de Janeiro, DP&A Editora, 2003.
- FUZER, Cristiane; CABRAL, Sara Regina Scotta. **Introdução à gramática sistêmico-funcional em língua portuguesa**. Campinas: Mercado das Letras, 2014.
- LIMA, Rocha. **Gramática normativa da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011. 49ª ed.

SANTOS, Zaira Bomfante dos. A Linguística Sistêmico-Funcional: algumas considerações. *Soletras Revista*, Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, número 28, p. 172, jul-dez, 2014. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/soletras/article/view/12994>>. Acesso em: 16 mai. 2021.

MACEDO, Alzira Verthein Tavares de. Funcionalismo. **Veredas: revista de estudos linguísticos**, Juiz de Fora, v. 1, n. 2, p. 71-88, 1998.

MARTELOTTA, M.; KENEDY, E. A visão funcionalista da linguagem no século XX. In: FURTADO CUNHA, M. A.; RIOS DE OLIVEIRA, M.; MARTELOTTA, M. (Orgs.). **Linguística funcional: teoria e prática**. Rio de Janeiro, DP&A Editora, 2003. p. 28.

NEVES, Maria Helena de Moura. **A gramática funcional**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

PERINI, Mário. **Gramática do português brasileiro**. São Paulo: Parábola, 2010.

PERINI, Mário. **Gramática descritiva do português**. São Paulo: Ática, 2005.